

A questão da consciência em Hegel: contribuições para a educação

*Pedro Geraldo Aparecido Novelli**

Resumo

Ser crítico, reflexivo, pensador, consciente parecem ser atitudes já conhecidas e assimiladas. Por que insistir ainda nessa direção? Já não se sabe por demais o que fazer? O como fazer tem se tornado a grande cobrança. Mas, será que tudo se resume a procedimentos e métodos? Tais questionamentos levam o autor a procurar desvendar a aventura da compreensão da realidade. A teoria pode atribuir algo à realidade, indicando que esta não é ativa, isto é, que se trata de uma massa aguardando ser moldada. Seria a realidade uma herança de algo existente por primeiro? Os homens não passariam de apreendedores, reprodutores e repetidores de algo imutável? Por outro lado, a teoria pode ser resultado da realidade. Aqui a primeira e a última palavras cabem à realidade. Buscar compreender o problema da consciência em Hegel é o caminho que toma o autor para buscar respostas às questões acima apontadas.

Palavras-chave: consciência; educação; Hegel

Abstract

Being critical, reflexive, thoughtful and conscious seem to be attitudes already known and assimilated. Why still insisting toward that? Don't we already know enough what to do? The "how to" has come to be the great concern. However, can everything be reduced to procedures and methods? Such questions lead the author into a search for bringing out the adventure of understanding reality. Theory can ascribe something to reality and thus indicate it is not active at all, but a mass waiting for shaping up instead. Would reality be the heritage of something previously existing? Would men be no more than apprehenders, reproducers and repeaters of something immutable? On the other hand, theory may be an outcome of reality. The author intends to figure out answers for all these questions through the comprehension of Hegel's thought about conscience.

Keywords: conscience, education, Hegel

* Departamento de Educação - Instituto de Biociências
UNESP - Campus de Botucatu

Propor uma reflexão sobre a educação pelo viés da Filosofia põe o questionamento se pode-se ir além de uma investigação especulativa. Afinal, os filósofos já não teriam interpretado o mundo demais? Essa é uma das Teses contra Feuerbach na qual Marx acrescenta que agora cabe transformar o mundo. "Idéias não podem conduzir para além de um antigo estado de mundo; elas podem conduzir, no máximo, para além das idéias do antigo estado de coisas. Falando de modo geral, idéias não podem conduzir nada a bom termo. para conduzir idéias a bom termo, são precisos os homens que colocam em jogo uma força prática. " (Marx e Engels. A Sagrada Família, p. 118). Então, ser crítico, reflexivo, pensador, consciente parecem ser atitudes já conhecidas e assimiladas. Por que insistir ainda nessa direção? Já não se sabe por demais o que fazer? O como fazer tem se tornado a grande cobrança. Mas, será que tudo se resume a procedimentos, métodos e técnicas? Boas lentes implicam necessariamente numa boa visão?

Apesar de tudo, teorizar parece não alterar muito a realidade, pois a "teoria na prática é outra". Aliás, isso poderia ser diferente? Cabe indagar por que "a teoria na prática é outra".

Aristóteles em sua obra "Ética à Nicômaco" escreve que a tarefa da teoria é melhorar a prática. A prática realiza a teoria. A teoria não se completa em si mesma. Nesse sentido a teoria é extremamente prática. Saber o fazer para poder fazer.

Considere-se por um momento as relações possíveis entre teoria e prática. A teoria pode atribuir algo à realidade indicando que esta não é ativa, isto é, trata-se de uma massa aguardando ser moldada. Seria a realidade uma herança de algo existente por primeiro? Os homens não passariam de apreendedores, reprodutores e repetidores de algo imutável?

Por outro lado, a teoria pode ser resultado da realidade. Aqui a primeira e a última palavras cabem à realidade. Por isso, "a vida é mesmo assim", "mãe é mãe", "pobre sempre existiu", etc! "Pensar é estar doente dos olhos. " (Fernando Pessoa). "A experiência ensina tudo ". "Vivendo e aprendendo ". "A escola verdadeira é a escola da vida". Todas essas frases denotam que se deve render-se aos fatos, pois o que aparece e parece ser é. Górgias, sofista grego, dizia que para o povo não é necessário que alguém seja honesto, pois basta parecer, posto que para o povo o que parece é. A primeira impressão é a que fica!

Uma terceira posição entende que a teoria capta a realidade e pronuncia-se a respeito dela. A teoria considera a vida, a existência, e esta percebe-se mais pela teoria. A relação entre teoria e prática é de mútua afirmação e negação. O que se quer dizer com a frase "Quem vê cara não vê coração"? Apesar de se ver a cara e de aí estar o coração, não se vê todo o

coração. O filósofo alemão Hegel exemplifica isso ao apontar para a identificação de um homem que perante o referencial da lei será tão somente criminoso ou não. No entanto, o homem não é somente o que se diz dele. É também a possibilidade de se dizer o que significa que é mais do que o dito.

Agora, pare! Veja, escute e atente se a realidade mudou! Será que a teoria é pertinente? Se não for, resta saber o que se almeja com os alunos. Por que ensiná-los? E o que é ensinar? Como se sabe que o aluno aprende? Aliás, tais perguntas fazem sentido?

Entre 1806 e 1807 o filósofo alemão já citado nesse texto, Georg W. F. Hegel, publicou o livro "Fenomenologia do Espírito" que o colocaria definitivamente no cenário filosófico de sua época. Seu intento é entender como o mundo vem a ser o que é e porquê. O que há de novidade em seu pensamento é a afirmação da positividade da negação. Como alguém pode encontrar algo de positivo no negativo e ainda julgar a negação como necessária? Note-se que a leitura desse texto é viabilizada pelo seu contrário, ou seja, a não-leitura, e que a leitura, à medida em que avança, cria a cada instante seu abandono.

Para Hegel o atributo essencial do homem é a razão e esta se manifesta na consciência. Contudo, o que Hegel entende por consciência?

Ele afirma que existem três níveis de consciência: empírica, teórica e racional. A primeira conclusão importante é que todos os homens têm consciência. O homem é consciência e a consciência é o homem. Ter consciência é saber, conhecer. Mas, conhecer o quê? Segundo Hegel conhece-se o real e, por conseguinte, o racional, pois este é percebido porque é real, ou seja, sensível. Perceber a realidade é conhecer tudo. Pergunta-se: pode alguém conhecer tudo? Para Hegel tudo é possível, porém a questão é se ele conhece mesmo. Ainda, os homens conhecem a realidade do mesmo modo? O que se constata é muito mais a diversidade de abordagens. Por que tanta diferença? A resposta encontra-se no nível de consciência. Os níveis mencionados e o que os caracteriza é abordado na seqüência.

A consciência empírica

É a consciência que se impressiona pelos dados da experiência. É entender a realidade segundo as evidências. Conhecer o mundo é conhecer como ele aparece para mim. O que significa, por exemplo, conhecer uma cadeira? Tocá-la, vê-la, cheirá-la, etc, experimentá-la, torna-se suficiente para dizer que é conhecida? Hegel responde que sim, pois a experiência sensível é a cadeira. Eis a experiência de vida como o grande referencial. Essa experiência vem de longa data, tendo história, tradição, coerência, consistência e lógica. Chama-se a isso também de senso comum, porém este

não é o campo da ingenuidade, da acriticidade, da falsidade. Hegel escreve na “Fenomenologia do Espírito” que o erro é também momento da verdade, pois os enganos, as incorreções, possibilitam reconhecer o acerto, a correção. Veja-se o caso de uma dono-de-casa. Será que ela conhece economia? Ora, ela vai às compras sabendo quanto e quando comprar. De onde ela recolhe os elementos que a orientam em sua atividade econômica? Obviamente de sua experiência diária, do que percebe à sua volta. O comportamento dela indica que ela apossou-se da realidade econômica, pois consegue relaciona-se com tal realidade. Ela ainda faz previsões e orienta-se segundo certas expectativas.

No caso do aluno, este organiza sua interação com o real a partir do que lhe é oferecido pelo mesmo real. A verdade do real é a sua manifestação, isto é, como aparece e ocorre. Uma nova informação obtém consistência se equivaler à experiência do cotidiano.

A consciência teórica

É a consciência que ultrapassa a experiência dos dados sensíveis e entende as ligações das diversas partes. Por isso, tal consciência caracteriza-se pelo entendimento, pela compreensão do que acontece. A realidade é uma construção do sujeito. Portanto, a verdade do real é a verdade do sujeito. O aluno interage com o que adquire sendo capaz de elaborar conceitualmente as informações recebidas. As experiências de outras pessoas já não são aceitas como referência, pois cabe ao sujeito submeter a experiência a si. Esse é o momento do senso crítico que rejeita a análise imediatista.

Alguém com graduação em Economia compreende a realidade econômica mais abrangentemente do que uma dona-de-casa, pois consegue ler atrás dos acontecimentos e perceber aí as leis que regem tal realidade e os interesses de grupos presentes numa determinada configuração.

O aluno nesse contexto vê o professor jovem como inexperiente e o velho como desatualizado. O eu é a única verdade. Os demais estão todos equivocados. Saber e não saber são situações distintas, plenamente identificáveis e excludentes.

Consciência racional

É a consciência ciente de si pela ciência do real, isto é, o eu se reconhece enquanto tal pelo reconhecimento do outro. Essa consciência constrói-se pelo estabelecimento da relação, pois o próprio eu e o outro resultam ambos da alteridade.

O real precisa ser conhecido como inacabado estando em permanente construção. O que se percebe dele nunca é o definitivo. Não

existem regras fixas nem leis absolutas que permitam certificar-se do real e determiná-lo absolutamente. Sua característica é o conflito entre o que é e o que não é por ser o que é. Definir algo é dizer muito mais o que algo tem sido e não que deverá ser sempre assim. Somos também o que não somos e não somos somente o que somos. Perceber que os revezes, os percalços, os insucessos não inviabilizam o real é conhecê-lo como contraditório. Perceber a negatividade do real é conhecê-lo em sua totalidade. Essa consciência supera a dicotomia entre os níveis anteriores de consciência. Eles acarretam a alienação porque excluem o outro e afirmam, cada um, a verdade somente em si. A consciência racional reconhece a verdade na empiria e na teoria, mas indica que ela não está toda aí. Esse nível não é final, nem paradisíaco, mas escapa da alienação quanto mais duvida de haver chegado ao fim, à plena realização. Aqui ocorre a desalienação porque essa consciência põe permanentemente sua condição de alienada, pois saber-se alienado já viabiliza a superação da própria alienação.

O aluno nesse estágio, por exemplo, disciplina-se por estar educado e disciplina como uma necessidade. "Não há liberdade sem disciplina" (Che Guevara).

Finalmente, cabe perguntar porque preocupar-se em desalienar o outro. Isso indica que a superação da alienação não é uma atividade individual. O outro é uma necessidade, mesmo que a intervenção deste não seja formal. A conhecida afirmação de que "Ninguém ensina ninguém" é contraposta com a também afirmação de que "Ninguém aprende sozinho". Para a consciência racional a relação é a marca essencial da educação, pois o conhecimento é sempre fruto de uma coletividade que cria as condições objetivas que permeiam o encontro das subjetividades.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Ética à Nicômaco*. Trad. Vincenzo Cocco ... et al. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Maneses e Karl-Heinz Effen. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1992. 2vol.
- MARX, K. e ENGELS, F. *A sagrada família ou crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e seus seguidores*. Trad. Sérgio José Schirato. São Paulo: Moraes, 1987.
- MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã (I-F Feuerbach)*. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1987.